

# SACRIFÍCIOS E O DIA DAS EXPIAÇÕES EM LEVÍTICO

## Religião, economia e poder!

*Jacir de Freitas Faria\**

### **Resumo**

*Neste ensaio procuramos demonstrar a importância dos sacrifícios e do Dia da Expição no livro do Levítico, bem como a relação deles com o judaísmo do pós-exílio, que se firmou baseado na economia e no poder de um projeto litúrgico excludente. Os sacerdotes, revestidos de poder e pureza, entravam em contato com o Sagrado, força terrível que, irada por causa do contato com a impureza do povo, podia matar. O sumo sacerdote, considerado puríssimo, uma vez por ano, no dia das expiações, estava em contato direto com Javé e era poupado. O Dia da Expição, colocado no centro da segunda parte do livro, é a condensação de todos os ritos anteriores, possibilitando o restabelecimento do estado de graça, perdido com o rompimento da Aliança. Desse modo, a classe sacerdotal passa a viver das ofertas levadas ao Templo, as quais são frutos da impureza do povo, que devem ser curadas com a pureza ritual.*

**Palavras-chave:** *Sagrado. Puro-impuro. Profano. Sacrifícios. Expição. Sumo Sacerdote.*

### **Abstract**

*In this essay we try to demonstrate the importance of the sacrifices and the Day of Atonement in the book of Leviticus, as well as their relation with the Judaism from after exile, that was structured based on the economy and power from a excluding liturgical project. The priests, covered on power and purity, got in contact with the Divine, terrific strength that, irate be-*

\* Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Doutorando em Teologia na FAJE, em Belo Horizonte. Diretor Acadêmico e professor de Exegese Bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA –, em Belo Horizonte. Membro efetivo da Academia Divinopolitana de Letras. Padre e frade franciscano. Ministra cursos de Bíblia e Teologia Pastoral para leigos em centros de estudos e paróquias. Autor de dez livros e de uma centena de artigos, e coautor de nove livros sobre Bíblia, História de Israel, atualidades e, sobretudo, sobre a literatura apócrifa do Segundo Testamento, tema de sua pesquisa e especialidade. Seu último livro é: *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11: Mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015.

*cause of the contact with the people's impurity, could kill. The High Priest, considered extremely pure, once a year, on the Day of Atonement, got in contact with Yahweh and was saved. The Day of Atonement, put on the center of the second part of the book, is the condensation of all previous rites, allowing the reestablishment of the state of grace, lost with the breaking of the Alliance. In this way, the sacerdotal class starts living from the offers taken to the Temple, which are result of the people's impurity, that have to be cured with the ritual purity.*

**Keywords:** *Divine. Pure-impure. Profane. Sacrifices. Atonement. High Priest.*

## Introdução

Para garantir as reformas de Esdras e Neemias e a eleição divina, os sacerdotes do pós-exílio organizaram uma estrutura religiosa, um projeto litúrgico capaz de garantir a vida do povo ao entrar em contato com o Sagrado. O grande dilema residia na certeza de que o encontro com o Sagrado podia causar a morte do fiel, visto que o Sagrado era considerado uma força terrível capaz de matar por causa da impureza humana. A ira divina, por causa disso, causava a morte. Perguntava-se, então: Quem e como alguém poderia aproximar-se do sagrado e continuar vivo?

O Templo, reconstruído na volta do exílio babilônico, garantia a presença do Sagrado na terra, mas era preciso estabelecer uma relação especial com Ele. Surge, assim, a pureza ritual, capaz de eliminar as impurezas e aplacar a ira divina. Nascem os ritos, os sacrifícios e o Dia das Expições. Com isso, sacerdotes puros e sumo sacerdote puríssimo contrastam com o povo impuro, rodeado de coisas profanas. Os ritos, e somente eles, com seus detalhes efêmeros, podem restabelecer a relação com o Sagrado e manter a vida do ser humano. No entanto, essa relação propicia uma vida litúrgica excludente e exclusivista, baseada no poder religioso que se sustenta pela economia advinda das ofertas dos impuros.

### 1. Relações entre sagrado e profano no mundo antigo e entre os judeus

Não é possível entender o significado de sacrifício e expiação no livro do Levítico sem antes compreender o alcance das relações entre sagrado e profano, puro e impuro, sangue e sacrifício no mundo antigo e suas ressonâncias na composição desse escrito tão importante para o judaísmo pós-exílio e suas influências no cristianismo posterior, sobretudo na liturgia.

O Sagrado – *qodeš* –, no mundo antigo e entre os judeus, era visto como uma força terrível capaz de matar quem entrasse em contato com Ele<sup>1</sup>. Javé também entra nessa categoria de sagrado. Portanto, quem o visse ou tocasse nele

1. Cf. SACCHI, Paolo. *Sagrado/Profano Impuro/Puro*. Na Bíblia e nos arredores. Aparecida: Santuário, 2013, p. 31.

seria punido de morte (Jz 13,22; 2Sm 6,6-8). Foi o caso de Oza que tocou a arca de Deus e foi punido com a morte. A arca causava a morte dos inimigos (1Sm 5). Ela era revestida de santidade e nela estava o trono de Deus, que se manifestava temível e causador da morte. O contato com o sagrado mata.

O Sagrado era algo que estava distante do ambiente humano, mas influenciava diretamente o mundo, tornando-o sagrado e, portanto, penetrado por sua força terrível. O ser humano se via limitado no seu agir. Coisas são sagradas, mas se tornam profanas por causa da ação do ser humano. Como podia o ser humano viver, caçar, plantar etc. sem ofender a Deus e a natureza? O medo do sagrado era reinante entre os humanos. Pior ainda era o medo das coisas que se tornavam impuras e perigosas, por causa de sua ação.

No livro do Gênesis a questão aparece resolvida em parte. Deus, que tudo fez sagrado como Ele, dá ao ser humano a condição de nomear os animais, oferecendo-lhe a possibilidade de “dominar” outros seres, o que o colocava na condição divina, assim como os deuses babilônicos que dominavam o mundo e o ser humano era criado para ser seu escravo<sup>2</sup>. Desse modo, o ser humano passa a poder caçar, cultivar a terra, desde que observe limites impostos, como o de não poder se alimentar dos animais, sem antes escorrer seu sangue<sup>3</sup>.

O sangue era fundamental nas relações com o Sagrado. Moisés estabeleceu a aliança entre Javé e o povo com o ritual do sangue derramado sobre o altar e aspergido sobre o povo (Ex 24,3-8). O sangue vinculava o povo a Javé e a sua lei, a qual o povo se obrigava a cumprir. Javé, da mesma forma, se comprometia a cumprir o voto. Um sacrifício pacífico é feito antes de estabelecer a aliança eterna. Ficava estabelecida, portanto, a relação entre sangue e sacrifício.

Na relação com o sagrado, não tinha como fugir da condição de impureza que cercava a vida do ser humano: sexo, comida, animais, cadáver etc. O contato do ser humano com a impureza não chegava a matá-lo, como fazia o Sagrado, mas o inibe, isto é, o contamina, impedindo o seu contato com o sagrado, com Deus.

Em Israel, havia uma classificação de pessoas segundo o sistema de pureza. No topo da lista estavam os sacerdotes, que eram homens escolhidos para distinguir entre o puro e o impuro. Na sequência, em ordem decrescente, estavam os levitas, israelitas leigos, prosélitos, escravos libertos, filhos ilegítimos dos sacerdotes, escravos do templo, bastardos, eunucos, os que tinham as genitálias danificadas e, por fim, os que não tinham as genitálias aparentes.

Com base em um pensamento antigo em torno ao sagrado e ao profano, o judaísmo estabeleceu-se como religião a partir da estrutura fundamental do puro

2. Cf. FARIA, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1-11: Mitos e contra-mitos*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 59.

3. Cf. SACCHI, Paolo. *Sagrado/Profano Impuro/Puro*, p. 33.

e impuro. O Sagrado/Javé se protegia diante das impurezas. Sua santidade não podia ser violada (Lv 10,1-3). Portanto, era necessário separar o puro do impuro. Este modo de pensar passou a ser aplicado a pessoas, coisas, comida e lugares. Nasce a lei da pureza (Lv 11–16). O livro do Levítico é resultado de um longo trabalho, que começou no exílio da Babilônia e se solidificou no retorno a Jerusalém, de conscientização de um povo que fez aliança com o Sagrado/Javé, mas que tinha clareza das diferenças entre um e outro, entre a impureza que mata (Lv 15,31) e a pureza que mantém a vida.

## 2. O sacerdote e a expiação como elementos centrais no livro do Levítico

A partir das relações estabelecidas, tendo como ponto de partida a visão do sagrado no mundo antigo, não é difícil compreender a estrutura do livro do Levítico e a centralidade do Dia das Expições e do Sacerdote no corpo do livro.

Levítico é o nome do terceiro livro do Primeiro Testamento (PT)<sup>4</sup>. A tradução grega da *Septuaginta* (LXX) é que lhe cunhou esse nome. No judaísmo, ele é conhecido como *Vayikrá*. Tendo sido colocado depois o livro do Êxodo, ele estabelece, após as narrativas de construção e ereção do Santuário (Ex 35–40), as leis de pureza e santidade, os ritos de sacrifício, com destaque para o Dia das Expições e a investidura sacerdotal.

Constituído de textos elaborados pelos sacerdotes no pós-exílio, o livro do Levítico tem uma estrutura assim disposta:

A (1–7): Ritual dos sacrifícios

B (8–9): Ritual de investidura dos **sacerdotes**

A' (10): Rituais e regulamentação complementar

A (11–15): Leis de pureza e impureza

B (16): **Dia das Expições**

A' (17–26): Lei de santidade

Apêndice (27): Regulamentação complementar sobre regras para o cumprimento de voto.

As estruturas paralelas, interna entre os capítulos 1 a 7 e 10, e externa, entre os capítulos 1 a 10 e 11 a 26, estabelecem dois centros menores no livro do Levítico, o sacerdote e o Dia das Expições, formando, assim, duas estruturas paralelas e concêntricas. São enumerados os atos exigidos para atingir a santidade em meio

4. Usamos as terminologias Primeiro Testamento, Segundo Testamento, antes da Era Comum e Era Comum por questões de diálogo inter-religioso com os nossos irmãos judeus.

às impurezas que cercam os humanos, chamados a ser santos: “Sede santos, porque eu, Javé vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2). O capítulo 27, apesar de também estar disposto em forma paralela ao capítulo 10, é um apêndice ao livro.

O sacerdote é a figura central na primeira parte. Os ritos e as leis possibilitam a santidade do sacerdote e do povo no controle do alimento e do corpo e suas relações. Portanto, a santidade passa pela pureza ritual, a escolha e a investidura do sacerdote – representante do sagrado –, e determina o que é puro e o que é impuro. O sacerdote é investido de poder, visto que ele pode manusear, tocar os objetos sagrados e permanecer vivo e, ademais, tornar-se santo (Ex 30,29-30). O capítulo 28 do livro do Êxodo dá os detalhes da consagração, investidura e unção do sacerdote, o qual passa a ser um consagrado a Javé (Ex 28,36) e mediador entre o povo e a santidade. No livro dos Números, capítulo 18, versículos 3 a 7, encontramos as normas referentes ao contato com o sagrado por meio do sacerdote. Os levitas podem auxiliar o sacerdote no serviço litúrgico, mas jamais aproximarem-se do altar e de seus objetos sagrados, caso contrário, a ira de Deus os mataria. Ira e sagrado se confundem. A morte somente seria evitada se os levitas e sacerdotes se mantivessem em seus devidos lugares<sup>5</sup>. Como veremos adiante, o sumo sacerdote tem papel de destaque entre os sacerdotes. Somente ele pode realizar o sacrifício expiatório (Lv 16,30-34). Por meio desse ato e pelo fato de poder aplacar a ira divina, o sumo sacerdote é detentor de um poder supremo.

O sacerdote, por meio do seu corpo, devidamente purificado e revestido de santidade, age em nome do sagrado. Seu olho é o olho de Deus que vê. Sua boca dá veredicto em nome de Deus na escolha da oferta e no comer o alimento em nome dele, tornando-se a boca de Deus (Lv 7,28-34; 10,12-15). Os alimentos santíssimos, ofertados pelo povo a Deus, somente podiam ser comidos pelos sacerdotes (Lv 22,15-16). O nariz do sacerdote sente o odor da oferenda em nome de Deus. O altar onde o sacerdote faz o sacrifício recebe a unção consagratória (Lv 8,11), tornando-se um lugar santo, como o sacerdote, mais especificamente o Sumo sacerdote, que podia entrar no “Santo dos Santos” somente uma vez por ano, no Dia das Expições, quando ele se tornava um santo puríssimo.

O grande dia, a grande festa do “Dia das Expições”, aparece no centro da segunda parte do livro de Levítico. Muitos dos rituais da primeira parte têm caráter expiatório, como determinante para a purificação e extinção de um pecado que deve ser apagado, tornando a situação agradável ao Sagrado, bem como possibilitando o acesso à santidade e ao restabelecimento da ordem perdida. No entanto, o “Dia das Expições” consiste na condensação de todos os ritos anteriores, expiatórios ou não. Ele possibilita o restabelecimento do estado de graça, perdido com o rompimento da Aliança. O animal ofertado é o resgate ou a substituição da oferta. O ofertante se vê na oferta (Ex 30,12).

5. Cf. GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*. Sua história e ideologia. Macapá: Instituto Metodista de Ensino Superior, 2002, p. 220 (Tese de Doutorado).

O diferencial do livro do Levítico foi o de associar a expiação, já praticada pelos antigos israelitas, aos ritos. Já o Segundo Testamento (ST) interpretou a expiação de modo diverso: Deus, no tempo do Egito e do cativeiro na Babilônia, resgatou Israel, manifestando a sua justiça. Isso ocorreu no tempo da paciência de Deus. Com Jesus, há o processo de justificação pela fé nele, no tempo presente, tempo de salvação. O sangue derramado de Jesus purificou o pecado (Rm 3,25-26). Jesus é a presença real no meio do povo; ao ser tocado não mata, mas cura, como foi o caso da hemorroíssa (Mt 9,19-22 e Lc 8,43-48).

### 3. A dominação econômica e religiosa da classe sacerdotal nos sacrifícios levíticos

Levítico é um livro pouco estudado pelos cristãos, mas de grande impacto na liturgia cristã. Estamos diante de um “Projeto de Pastoral Litúrgica”, baseado em sacrifícios, ritos, expiação e dominação econômica e religiosa por meio dos sacerdotes judeus<sup>6</sup>.

Considerando as suas especificidades, os sacrifícios em Lv 1–7 constituem o invólucro que dá o caráter sacrificial a todo o livro, nas suas leis e pessoas que o realizam.

Sacrifício vem do latim *sacrificium*, uma palavra formada por duas outras – *sacrum facere*, isto é, “fazer sagrado”, “tornar sagrado”<sup>7</sup>. O sentido primeiro de religião – do latim *religare* – tem a ver com essa ideia de sacrifício, tendo em vista que a religião é uma troca de dons entre o ser humano e Deus, mantendo o ser humano unido ao sagrado.

Os sacrifícios propostos em Lv 1–7 são: de comunhão, pelo pecado, de reparação. O holocausto – sacrifício no qual a oferenda é consumida totalmente –, e a oblação (oferenda vegetal) complementam o código sacrificial dos repatriados do exílio babilônico (596 a 536 a.E.C.), os quais, primeiramente, construíram o altar dos holocaustos e, posteriormente, reconstruíram o templo salomônico (Esd 3,3-6).

#### *Holocausto*

Holocausto é o sacrifício por excelência (Lv 1,3-17). Nele, uma oferta é queimada. Por isso, em hebraico, se diz *olah* para designar esse gesto do fiel, que pode ofertar um cordeiro, um cabrito, um boi ou, no caso dos pobres, uma rola ou pomba para Javé. Essa atitude tem como objetivo, em tempos anteriores ao

6. Cf. GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*, p. 231-243.

7. STORNILO, Ivo. *O Livro do Levítico*. Formação de um povo santo. São Paulo: Paulus, 1995, p. 16.

exílio – deserto e patriarcas –, restabelecer a relação com o sagrado ou conseguir algo (1Sm 6,14; 7,9). O diferencial do livro do Levítico foi a conotação expiatória dada ao holocausto (Lv 1,4).

O sangue do animal simboliza a vida do ofertante. O pecado é sinal de morte, já o sangue, por ele mesmo, é sinal de vida. Sangue é vida, portanto está revestido de valor expiatório. A imposição das mãos do sacerdote sobre a oferta significa que a oferta escolhida é verdadeira e que o ofertante se sacrifica nela<sup>8</sup>.

O queimar a oferenda sobre o altar pela ação do sacerdote e consumi-la inteiramente tem como objetivo passar a oferenda do estado material para o imaterial, do profano para o sagrado. A fumaça do animal queimado, odor agradável a Deus, ‘faz subir’ até o ambiente do sagrado o desejo do ofertante em restabelecer a relação.

### *Oblação*

A oferenda vegetal, chamada de oblação – em hebraico *minḥah* –, era feita de produtos da terra por alguém do povo (Lv 2,1-16). Sobre a oferta da flor de farinha e o azeite que a umedece era colocado incenso. Parte dela era queimada sobre o altar pelo sacerdote, de modo que o incenso pudesse subir até Deus. A outra parte ficava com o sacerdote, que poderia comê-la assada, mas sem fermento, com os seus filhos num lugar puro, no átrio da tenda da reunião (Lv 6, 7-11). Excetuando a última parte do rito, a oblação tem semelhança com o rito do holocausto, embora não seja sangrento. As oblações eram salgadas, mas não levavam fermento nem mel. O fermento poderia profanar a oferenda, mudando o seu caráter, e o sal, purificá-la. Quando o sacerdote oferecia a sua oblação, esta deveria ser queimada, sendo, assim, um sacrifício completo, por meio do qual se chegava até Javé (Lv 6,7-11).

A oblação era um tipo de rito já praticado bem antes da escrita do livro do Levítico (pós-exílio). Caim e Abel ofertaram suas *minḥah* a Deus (Gn 4,3-5). No tempo dos profetas, a *minḥah* era também uma oferta, um presente a Deus e, por isso, devia ser queimada (Jz 22,23.29). Ninguém poderia usufruir de uma oferta de oblação e, ademais, devia realizá-la com o comprometimento da justiça (Is 1,13; Jr 14,12; Am 5,22.25).

No livro do Levítico encontramos uma mudança de foco na oferta de oblação. Além de ter a mediação do sacerdote na sua realização, este poderia usá-la para o seu proveito próprio. Trata-se, portanto, de uma mudança que visa ao poder econômico e sacerdotal.

8. Cf. PLEIN, Ina Wili. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 80-85.

### *Sacrifício de comunhão*

O sacrifício de comunhão (Lv 3,1-17; 6,7-16), como o nome já indica – comunhão, em hebraico *šelamim*, significa pagar, retribuir, estar em paz, em comunhão –, é uma oferta que estabelece a comunhão, a aliança com Deus, visto que o animal é partido ao meio como testemunho de aliança. Deus fica com as partes vitais e os sacerdotes, com a melhor parte, com exceção das partes gordas que pertencem a Deus. Os fiéis também têm a sua parte na oferenda. O sangue da oferta é derramado no altar, não podendo ser comido pelo povo.

### *Sacrifício de expiação pelo pecado*

O sacrifício pelo pecado e o rito que o cancela, em hebraico *ḥaṭṭa'it* (Lv 4,1–5,13; 6,17-23), tem relação direta com o pecado cometido pelo sumo sacerdote, pela assembleia, pelo chefe (rei) ou por um homem do povo. O pecado cometido pelo sumo sacerdote está em relação direta com o povo, tornando-o culpado e partícipe no seu ato de impureza (Lv 4,3). O sumo sacerdote representa o sagrado, daí a gravidade de seus atos e a necessidade de ser penitenciado por todos. Há uma transferência de culpa. Levítico, por causa disso, não fala do perdão do pecado do sumo sacerdote.

O sacrifício pelo pecado deveria ser oferecido toda vez que alguém fosse advertido a respeito de um possível pecado cometido (Lv 4,23.28), o que denota o forte aparato de controle social, de poder de uma pessoa sobre a outra. Sabedor de um pecado do compatriota, o judeu era obrigado a denunciá-lo (Lv 5,1b).

O culpado, por menor que fosse a sua falta, deveria confessá-la e levar uma oferta ao templo, como sinal de reparação. Tendo pecado, não era necessária a conversão, mas a oferta para anular o pecado e receber o perdão divino era obrigatória. As ofertas eram diversificadas, conforme o grau social do pecador. Ao pobre, bastavam duas rolas, mas ao chefe era preciso um bode. No entanto, as oferendas eram, com certeza, fonte importante de renda para o templo e os sacerdotes. Assim, o sacerdote exercia o seu poder a partir da liturgia, na relação com o sagrado e na economia.

Um detalhe que chama a atenção no sacrifício de reparação é o uso do sangue da vítima ofertada. Na oferta do Sumo sacerdote, o sangue do novilho é aspergido sobre o véu da arca, no altar do incenso e nos chifres do altar dos holocaustos, mas o sangue da oferta do pobre (duas rolas) era aspergido sobre a parede do altar do holocausto. Há um movimento de distanciamento do centro, lugar mais santo, para a periferia do espaço sagrado. Desse modo, o sangue que simboliza vida por vida é usado como elemento discriminante<sup>9</sup>.

9. Cf. GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*, p. 240.

O sacrifício pelo pecado tem o objetivo de restabelecer a aliança rompida, atingida pelo perdão divino. É Deus, portanto, que expia os pecados, restabelecendo a ordem nas relações e salvando os envolvidos no pecado. No ritual de expiação, parte da oferenda é queimada no altar, e a outra, fora do acampamento, isto é, fora da comunidade.

Por meio da expiação – reconciliação –, a salvação acontece. O sacrifício de expiação pelo pecado, considerado um elemento importante no ritual levítico, é retomado, como elemento central, no capítulo 16, com a celebração do Dia do Perdão, da expiação plena dos pecados.

### *Sacrifício de reparação*

O sacrifício de reparação – *'aşam* – (Lv 5,14-26; 7,1-6) diverge do anterior (comunhão) somente no que tange à indenização como penitência, uma taxa que o fiel deveria pagar como multa de 20% em tributo para reparar o mal cometido (Lv 5,23.23-24), conforme valor da moeda do templo (Lv 5,15). Trata-se do pagamento pela fraude – sonegação de oferta –, cometida contra os direitos sagrados de Deus (Lv 5,14-16) ou contra os direitos dos compatriotas (Lv 5,15.21-22). Havia ainda a reparação pelo “pecado sem saber” cometido contra a lei (Lv 5,17-19). Após o pagamento da multa para o sacerdote, era realizada a oferenda de reparação, que poderia ser um cordeiro sem defeito do próprio rebanho. O sacerdote fazia o rito de expiação diante de Deus.

Lv 7,1-7 legisla sobre os sacrifícios acompanhados de um gesto reparatório: sangue da vítima imolada derramado sobre o altar, queima da gordura, cauda e rins sobre o altar, direitos do sacerdote sobre a carne imolada e oferenda.

O sacrifício de reparação não aparece no período patriarcal e tribal. No entanto, em 2Rs 12,17, fala-se de dinheiro oferecido pela expiação de um delito ou de um pecado, o qual pertencia aos sacerdotes e não ao templo. O livro do Levítico conserva a ideia de taxa, estipulando o seu valor, mas acrescenta o sacrifício de reparação. Com isso, a fraude é regulamentada liturgicamente e considerada pecado, o qual gera dividendo para os sacerdotes.

### *Dia das Expições*

Dia das Expições, ou como se diz em hebraico *yôm kippur* (Dia do perdão), é o décimo dia do sétimo mês do calendário hebraico, *Tisri*, no qual os judeus e estrangeiros que vivem com eles são chamados a jejuar e não trabalhar. A motivação é, conforme Lv 16,30-34:

...porque nesse dia se fará o rito de *expiação* por vós, para vos *purificar*. Ficareis puros de todos os vossos *pecados*, diante de Javé. Será para vós um repouso sabático e jejuareis. É uma lei perpétua. O sacerdote que tiver

recebido a unção e a investidura, para officiar em lugar de seu pai, fará o rito de *expição*. Porá as vestes de linho, vestes sagradas; fará *expição* do santuário sagrado, da Tenda da Reunião e do altar. Fará em seguida o rito de *expição* pelos sacerdotes e por todo o povo da comunidade. Isto será para vós uma lei perpétua; uma vez por ano se fará o rito de *expição* pelos filhos de Israel, por todos os seus *pecados*. E fez-se como Javé havia ordenado a Moisés.

O texto acima é o final do capítulo 16 do livro do Levítico, capítulo dedicado a descrever todos os detalhes do rito a ser realizado no Dia das Expiacões, bem como é colocado logo após as descrições das impurezas (Lv 11–15).

O ritual do Dia das Expiacões consiste na escolha de animais para o sacrifício: um novilho destinado ao sacrifício pelo pecado, um carneiro para o holocausto, dois bodes, sendo um para o sacrifício pelo pecado e outro, para a *expição*. Sobre os dois bodes é lançada a sorte. Um é oferecido a Javé e outro a Azazel, o demônio do deserto.

O Sumo sacerdote, devidamente revestido de suas vestes sacerdotais de linho – para impedir a impureza do suor – e purificado, entra três vezes na tenda da reunião (Templo), podendo transpor o véu que separa o santo dos santos sem correr o risco de atrair a ira divina e a conseqüente morte. A nuvem de incenso que encobre o propiciatório que está sobre o Testemunho impede que o sumo sacerdote morra (Lv 16,12-13). Ninguém pode estar na tenda da reunião durante esses atos sagrados. O sumo sacerdote queima o incenso, quando entra pela primeira vez, e faz a *expição* para si mesmo e para sua casa com o sangue de um novilho que será usado para a aspersão. A terceira entrada consiste na aspersão com o sangue do bode imolado a Javé como sacrifício de *expição* pelos pecados do restante do povo. O sumo sacerdote, estando próximo do Sagrado nesse único dia do ano, quebra a lei da separação por causa das impurezas.

Os outros ritos são feitos diante do povo. Destaque para o rito do bode expiatório. O sacerdote aproxima-se do bode destinado a Azazel, coloca suas mãos sobre sua cabeça e sobre ele confessa todos os pecados do povo, todas as faltas e transgressões dos filhos de Israel. Em seguida, o bode será levado ao deserto por uma pessoa destinada para esse fim. O bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada. Esse rito parece ser bem antigo, já praticado no tempo dos juízes, sendo agregado aqui ao rito do sangue propiciador. O deserto simboliza o lugar da não presença de Javé, da não fertilidade do sagrado. O bode passa a ser o bode expiatório das culpas e pecados. René Girard, em seu livro *A violência e o sagrado*<sup>10</sup>, afirma que a violência está na base da sociedade e da cultura, sob

10. Cf. GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Unesp/Paz e Terra, 1990, p. 333, citado por nós na análise da violência no mito de Caim e Abel (Gn 4,1-17) em *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11*, p. 79-80.

a forma dissimulada do bode expiatório. Cada um deseja o que o outro deseja, o que desencadeia uma rivalidade constante e ameaçadora, que se identifica com o sagrado, potência sobrenatural opressora, externa ao ser humano, para o qual a humanidade tem sempre um sentimento de atração e, ao mesmo tempo, repulsa. Por isso, o bode expiatório, sacrificado em um ritual, serve para apaziguar e controlar a violência. Sacrifica-se um e todos ficam contentes. A culpa fica, assim, atribuída ao bode. E a violência se apazigua momentaneamente.

Nos ritos do Dia das Expições, excetuando o do bode expiatório, chama atenção a aspersion do sangue e o Sumo sacerdote. O sangue, usado várias vezes, une o povo impuro ao Sagrado, impedindo a sua morte. O Sumo sacerdote, com sua condição de puríssimo, aplaca a ira divina. No Dia das Expições, “o altar perde seu significado econômico, nenhuma das vítimas deste dia servirá de alimento para ninguém, mas sobre o altar brilha divina a figura sacerdotal, o único intermediário capaz de fazer com que Deus e o povo possam continuar a caminhar juntos”<sup>11</sup>. Desse modo, configura-se o projeto de dominação litúrgica por meio do puro e impuro, que será condenado por Jesus, o cordeiro imolado que tira o pecado do mundo (Jo 1,19).

## Conclusão

Os diversos ritos presentes no livro do Levítico, sua relação direta com os sacerdotes e o Sumo sacerdote, e o destaque dado ao Dia das Expições, são a resposta pós-exílica ao desejo dos judeus, mais especificamente de sua classe sacerdotal, de manter-se no poder com base no governo de Javé (Teocracia), expressão do Sagrado, uma força terrível que causa morte. Para tanto, criou-se uma liturgia excludente, estratificada e controladora do povo impuro e profano. A impureza do povo pode causar a ira de Deus e consequente morte.

O Sumo sacerdote é capaz de aplacar a ira divina e não morrer. Ele fala e se movimenta em nome do Sagrado. Ele, unicamente, é capaz de aplacar a ira divina. Nessa mesma linha de pensamento, o sacerdote passa a ser a representação máxima do Sagrado diante do povo.

Para garantir a vida, o povo precisa, com as suas ofertas levadas ao templo/tenda da reunião, chegar até Deus, eliminando as suas impurezas, por meio do sacerdote. As ofertas são transformadas em moeda de lucro para a classe sacerdotal. O pecado do povo impuro, mesmo os pecados cometidos sem a devida consciência, tornam-se importantes para a manutenção do ‘projeto litúrgico sacerdotal’ do livro do Levítico. Como profetizara Oseias contra os sacerdotes, bem antes da implementação dessa estrutura litúrgica dos sacerdotes do segundo Templo, no pós-exílio, “eles se alimentam dos pecados do meu povo e anseiam por sua falta” (Os 4,8).

11. Cf. GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*, p. 243.

O sacerdote é puro, o sumo sacerdote puríssimo. O povo é impuro. As coisas são profanas. No contato com o Sagrado, elas precisam ser purificadas para voltarem ao seu estado profano. Fato que permaneceu na liturgia católica com a purificação do cálice, após o seu contato com o sangue de Cristo.

Na trajetória do povo judeu, sobretudo no pós-exílio, período no qual se encontram os textos do livro do Levítico, Javé é apresentado como o Deus Santo e Terrível, zeloso e vingador de seus direitos. É um Deus que tem cólera mortal contra a impureza, castigando e se vingando dos impuros e pagãos. Portanto, foi necessário separar o puro do impuro (Lv 10,10), o que provocou o distanciamento, a separação entre a classe sacerdotal (levitas) e o povo, e criou privilégios e dominação econômica e religiosa dos sacerdotes do templo, mediante mecanismos para manter a separação, o privilégio e o mérito. Nasce, assim, uma estrutura sociorreligiosa estratificada, hierárquica (classes), exclusiva e excludente.

*Jacir de Freitas Faria*  
Rua Pernambuco, 840  
Bairro Funcionários  
30150-151 Belo Horizonte, MG

## **Bibliografia**

- AUTH, Romi. *A comunidade renasce ao redor da Palavra: Período Persa*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CIMOSA, Mario. *Levítico e Números* [Tradução: Luiz João Gaio]. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- FARIA, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11: Mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: Instituto Metodista de Ensino Superior, 2002 (Tese de Doutorado).
- GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MIGROM, Jacob. *Leviticus: a continental commentary*. Augsburg: Fortress, 2004.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PADEN, E. Willian. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PLEIN, Ina Wili. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.
- SACCHI, Paolo. *Sagrado/Profano Impuro/Puro: na Bíblia e nos arredores*. Aparecida: Santuário, 2013.

STORNILO, Ivo. *O Livro do Levítico: formação de um povo santo*. São Paulo: Paulus, 1995.

WATTS, W. James. *Ritual and Rhetoric in Leviticus: from sacrifice to Scripture*. Cambridge University Press, 2012.